

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Fábio Tatsch Motta

**A Andragogia como Metodologia de Ensino na Educação
Física: Uma Revisão de Literatura.**

Porto Alegre

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Fábio Tatsch Motta

**A Andragogia como Metodologia de Ensino na Educação
Física: Uma Revisão de Literatura.**

Pesquisa apresentada como requisito para aprovação na
disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, sob
orientação do professor Carlos Adelar Abaide Balbinotti.

Porto Alegre

2012

RESUMO

O estudo trata da andragogia como metodologia de ensino nas aulas de educação física, principalmente, em ambientes extraescolares. O objetivo do estudo é aprofundar o conhecimento sobre as bases teóricas do processo andragógico nas aulas de educação física. Para tanto, foi feita uma revisão da literatura existente sobre andragogia e aspectos que tangem o tema. Para a educação física, o modelo andragógico parece muito útil quando pensamos no professor como um facilitador do processo de aprendizagem. O foco deve ser nos interesses do aluno para que este construa, junto com o professor, os objetivos das aulas. Assim, a tentativa deve ser de que o aluno saia de uma condição de dependência e passe a ser capaz de autogerir seu aprendizado mesmo fora do momento da aula.

Palavras Chave: Andragogia, Educação de Adultos, Educação Física, Educação autogerida.

ABSTRACT

The study deals with andragogy as a method of teaching in physical education classes primarily in extracurricular environments. The objective is to deepen the knowledge on the theoretical foundations of the andragogical process in physical education classes. For this purpose, was performed a review of existing literature on andragogy and issues that concern the topic. For physical education, the andragogical model seems to be very useful when we consider the teacher as a facilitator of the learning process. The focus should be in the interests of the student for this build, along with the teacher, of the objectives of the lessons. Thus, the attempt should be that the student come out of a condition of dependence and to be able to self-direct their learning even outside of class time.

Keywords: Andragogy, Adult Education, Physical Education, self-directed education.

SUMÁRIO

- 1. INTRODUÇÃO**
- 2. OBJETIVOS**
 - 2.1 OBJETIVO GERAL
 - 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS
- 3. METODOLOGIA**
 - 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO
 - 3.2 DEFINIÇÃO DOS TERMOS
 - 3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS
 - 3.3.1 Identificação das fontes**
 - 3.3.2 Localização das fontes**
 - 3.3.3 Compilação**
 - 3.3.4 Fichamento**
 - 3.3.5 Análise e interpretação**
 - 3.3.6 Redação**
- 4. REVISÃO DE LITERATURA**
 - 4.1 ANDRAGOGIA GERAL
 - 4.2 DIFERENÇAS ENTRE PEDAGOGIA E ANDRAGOGIA
 - 4.3 OS SEIS PRINCÍPIOS DA ANDRAGOGIA
 - 4.4 CICLO ANDRAGÓGICO
- 5. ANDRAGOGIA NA ÁREA DA SAÚDE**
- 6. ANDRAGOGIA E A EDUCAÇÃO FÍSICA**
- 7. CONCLUSÃO**
- 8. REFERÊNCIAS**

1. INTRODUÇÃO

Com as transformações no mundo do trabalho através do capitalismo, passou-se a exigir maior flexibilidade na atuação dos profissionais no mercado. Assim, a Educação Física ganhou outros campos de atuação profissional além da educação infantil, ensino fundamental, médio e superior, surgindo oportunidades de trabalho também no lazer em prefeituras, clubes, hotéis e outros locais que ofereçam atividades recreativas e esportivas, contemplando empresas, academias e escola de iniciação esportiva (ANTUNES, 2007 apud ASSIS; MORAIS, 2008).

Entre os diferentes públicos que aparecem nessas novas áreas de atuação profissional para o professor de Educação Física aparece os adultos. Desta forma, a educação de adultos passa a ser uma preocupação para os professores de Educação Física no que diz respeito à adoção de uma postura didática compatível com esse público, a fim de maximizar os resultados nas práticas corporais orientadas. Nesse contexto, a andragogia aparece como importante objeto de estudo no que diz respeito a esse tema.

O termo andragogia (do grego andros-adulto e agogos-guiar, conduzir, educar) foi utilizado pela primeira vez em 1833, pelo professor alemão Alexander Kapp, com o objetivo de descrever elementos da teoria de educação de Platão, que exercitava a indagação, a interação e a dialética com pequenos grupos de jovens e adultos. Mas esse esforço caiu no esquecimento, e apenas após a Segunda Guerra Mundial começaram a surgir na Europa e Estados Unidos, modelos educacionais centrados no adulto. Em 1926, Eduard C. Linderman publicou o resultado de sua pesquisa sobre educação de adultos sob o título “the meaning of adult education”. (ALMEIDA, 2009; SMITH, 1999).

Mas foi anos mais tarde que o estudo da andragogia ganhou força, quando a partir dos anos 70 Malcom Knowles se dedicou ao estudo da andragogia. Na obra “The adult learner: a neglected species”, Knowles (1973) define como sendo, a arte e ciência de orientar adulto em seu processo de aprendizagem com foco em suas experiências de vida. Segundo este autor, à medida que as pessoas amadurecem, sofrem transformações, como por exemplo, seus interesses pelo aprendizado e

desenvolvimento das habilidades que utilizam no seu papel familiar, na sua profissão e na sociedade como um todo (RABELO, 2006; ALMEIDA, 2009).

Na educação tradicional, o aluno se adapta ao currículo oferecido, mas na educação de adulto, o aluno ajuda na formulação do currículo. A educação do adulto se dá através de situações e não de disciplinas. Todo adulto se vê envolvido com situações específicas de trabalho, de lazer, de família, da comunidade, etc. Situações essas, que exigem ajustamentos (RABELO, 2006).

A escolha dos exercícios, questionamento sobre a preferência do aluno entre determinados exercícios, ou sobre seu estado emocional para melhor desenvolvimento da aula, são algumas preocupações de professores de educação física quando trabalham com adultos na medida em que, segundo esse modelo, o foco deve ser no aluno e todas as propostas em torno de suas preferências e objetivos, sempre levando em conta suas experiências prévias de vida e, desta forma, ir além da preocupação apenas com questões de treinamento. Isso é muito importante já que o professor ensina sempre, seja intencionalmente ou não, e tudo o que ocorre em uma aula é relação e comunicação entre professor e aluno: até um gesto ou olhar para um aluno diz algo a ele. (MENEZES apud MORALES, 1998).

“O que se viu e o que se vê são programas com conteúdos quase sempre frios, desinteressantes e estáticos, que tratam o mundo e o homem que estão aí como se este mundo não tivesse nenhuma relação conosco e como se o homem não fosse nós mesmos. A ênfase tem recaído sempre - e cada vez mais - nas técnicas, nas chamadas “receitas culinárias”, “pacotes”, ou nas informações abstratas que servem, quando muito, para instruir, mas nunca para educar de verdade.” (MEDINA, 1983 p. 21).

O mesmo panorama que o autor percebia na década de 80 do século passado, parece continuar em vigor nos tempos atuais; com professores cada vez mais preparados tecnicamente e com melhores métodos de treinamento, mas esta não deve ser a única preocupação mesmo quando se está diante de alunos adultos.

O dever do professor que tem seu foco centrado no aluno é superar o discurso meramente tecnicista e observar o aluno enquanto um ser complexo.

No ensino tecnicista, em primeiro plano fica o planejamento racional dos meios; desta forma, professor e aluno aparecem em um plano secundário como meros executores de tarefas que levarão ao objetivo maior. (SAVIANI apud ALTOÉ, 2005). Já os professores não tecnicistas, e que se preocupam com outros aspectos do aluno que não o rendimento físico são chamados facilitadores. Como dito anteriormente, o ensino do adulto se dá através de situações práticas, que levam em conta o conhecimento prévio deste aluno.

“Cada pessoa é um ser de relações, constituído em suas múltiplas dimensões (histórica, social, biológica, psicológica, afetiva e política), situado em um contexto específico, que ajuda a produzir e, dialeticamente, é produzido. Atuar nesse contexto significa, para o professor, renunciar ao poder centralizado sobre o conhecimento e criar metodologias que propiciem aos aprendizes o desenvolvimento da criatividade, autonomia e liberdade para a autogestão da aprendizagem, a busca e seleção de diferentes contextos em que tenham interesse de interagir, compartilhar experiências e co-gestar a formação”. (ALMEIDA, 2009 p.107)

Essas questões mostram a importância de aprofundar o conhecimento sobre a educação de adultos no ambiente da Educação Física, servindo de alicerce para o educador e assim minimizar a probabilidade de erros em suas práticas. Dada à complexidade do ser humano nas suas relações, não se podem tratar os indivíduos simplesmente como corpos em busca do melhor rendimento. É importante pensar em ensino fora do ambiente curricular, já que em qualquer espaço de educação há valores embutidos e o Professor de Educação Física é muito importante no que diz respeito a garantir o aprendizado e satisfação do aluno, seja na escola ou lidando com adultos em uma sala de musculação.

Segundo Medina (1983), não se tem um corpo; antes, nós somos o nosso corpo, e é dentro de todas as suas dimensões energéticas, portanto de forma global, que devemos buscar razões para justificar uma expressão legítima do homem,

através das manifestações do seu pensamento, do seu sentimento e do seu movimento.

2. Objetivos

2.1. Objetivo Geral

Aprofundar o conhecimento sobre as bases teóricas do processo andragógico nas aulas de educação física, principalmente em ambientes extraescolares.

2.2. Objetivos Específicos

- (a) Buscar, na literatura existente, aspectos relevantes relacionados ao ensino de adultos segundo a Andragogia, e sua possível aplicabilidade na Educação Física;
- (b) Contribuir para o aprofundamento do conhecimento acerca da andragogia;
- (c) Mostrar a importância do conhecimento da andragogia por professores de educação física que ensinam adultos;
- (d) Incitar novas pesquisas sobre a andragogia na educação física.

3. Metodologia

3.1. Caracterização da Investigação

Este estudo é caracterizado como uma revisão bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 2010). Tem o objetivo de pesquisar na literatura existe sobre andragogia, a fim de examinar, sob o enfoque da educação física, o que já foi publicado sobre o tema, buscando aprofundar o conhecimento sobre o assunto.

3.2. Definição dos termos

Andragogia: É a arte e a ciência de ajudar adultos a aprender (KNOWLES, 1973).

Educação de adultos: A educação de adultos é complexa de descrever devido à abrangência do tema e a variação de ações. Envolve desde escolas substitutas da educação primária (combate ao analfabetismo), até organizações de aperfeiçoamento. Em geral, o termo é educação de adultos é usado para designar “todas as atividades de ensino destinadas especialmente às pessoas adultas” (VERNER, BOOTH, 1971 apud VOGT, 2005).

Educação extraescolar: Aprendizado Informal é qualquer atividade envolvendo a aquisição de entendimento, conhecimento ou habilidade, que ocorra sem a prévia imposição de um critério formal. O aprendizado informal pode ocorrer em qualquer contexto fora de currículos pré-estabelecidos de instituições educativas (LIVINGSTONE, 2001). Sendo assim, a partir daqui neste trabalho, os termos: ambiente extraescolar, aprendizado informal e educação informal, vão se referir a ambientes de ensino/aprendizagem que não obedeçam a currículo ou critérios formais pré-estabelecidos.

Educação autodirigida: É o processo pelo qual indivíduos tomam iniciativas, com ou sem assistência externa, diagnosticando suas necessidades de aprendizado, formulando objetivos de aprendizagem. O próprio indivíduo identifica recursos humanos e materiais para o aprendizado, escolhe e implementa as

estratégias apropriadas para o aprendizado e avalia os resultados da aprendizagem (KNOWLES, 1973).

3.3. Plano de Coleta de Dados

O plano de coleta de dados seguiu os seguintes passos:

3.3.1. Identificação das fontes

Fase de reconhecimento do que era pertinente sobre a andragogia em sua relação com a educação física, através de leitura de reconhecimento entre os trabalhos encontrados em livros, pesquisas na internet, teses de mestrado e artigos publicados.

3.3.2. Localização das fontes

Após o levantamento bibliográfico e a identificação das obras que interessavam, passou-se à localização de fichas bibliográficas nas bibliotecas pesquisadas, para obtenção de livros, revistas, teses e sites sobre o assunto.

3.3.3. Compilação

Reunião sistemática do material escolhido após as etapas de identificação e localização das fontes. Para tal, foi feita a leitura do material obtido seguindo os seguintes passos de leitura: pré-leitura e leituras: seletiva, reflexiva, crítica, interpretativa e explicativa.

3.3.4. Fichamento

Tendo em mãos as fontes de referência, foram elaboradas fichas afim de identificar as obras, conhecer seu conteúdo e elaborar críticas acerca das obras.

3.3.5. Análise e interpretação

Fase de análise crítica do valor dos materiais científicos obtidos (autenticidade e proveniência), decomposição dos elementos essenciais e interpretação de tudo que foi estudado, para trazer à tona as considerações mais importantes sobre o tema.

3.4. Redação

Foi a etapa final, na qual foi redigido o trabalho, seguindo as normas ABNT, exigidas pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para o trabalho de conclusão do curso.

4. Revisão de Literatura

4.1. Andragogia Geral

Andragogia é a disciplina educativa que tenta compreender o adulto a partir de todos os componentes humanos, quer dizer, como um ser biológico e social (MÁRQUEZ, 1998 apud MARQUES, 2007).

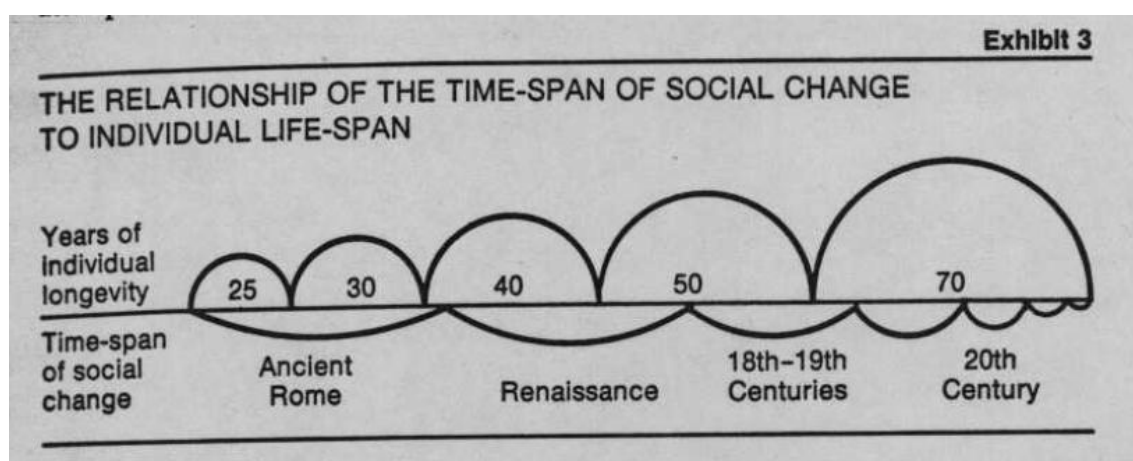
No final dos anos 60, quando Knowles introduziu o termo andragogia nos Estados Unidos, a ideia foi inovadora e conduziu muitos estudos subsequentes. Até os dias atuais, educadores de adultos debatem o que a andragogia realmente é. Incentivada pela necessidade de definir uma teoria para a educação de adultos, a andragogia tem sido extensivamente criticada. Tem sido descrita como um conjunto de diretrizes, uma filosofia, e um conjunto de premissas (HOLTON e SWANSON, 2001). Davenport e Davenport (1985) pontuam que, a andragogia já foi classificada como uma teoria sobre educação/aprendizado de adultos, técnica de aprendizado de adultos e um conjunto de premissas sobre educação de adultos. Mas, independente de como é classificada, sempre tem foco centrado no sujeito.

Até recentemente só havia um modelo de princípios sobre o aprendizado e as características dos aprendizes em que os educadores podiam basear seus currículos e práticas educacionais. Isso nasceu nas escolas monásticas da Europa entre os séculos sétimo e doze e veio a dominar as universidades quando elas começaram a emergir, primeiro em Bolonha e Paris no final do século XII.

Os pressupostos da pedagogia foram baseados inicialmente e observações pelos monges no ensino de habilidades relativamente simples para crianças muito novas (originalmente ler e escrever). Esses modelos foram propagados com a disseminação das escolas de ensino fundamental, principalmente na Europa e América do Norte nos séculos XVIII e XIX. (ALMEIDA, 2009; NOGUEIRA, 2004)

Já a educação de adultos só se deu de forma sistematizada no primeiro quarto do século XX. Estudos que mostravam que os adultos têm mais experiência prévia de vida, esquemas de assimilação diferentes, objetivos diversos, aumentaram a discussão em torno da necessidade de se adaptar as metodologias de ensino para

esse grupo (RIZZO, 2002 apud COSTA, 2005). Segundo Knowles (1988), com a sistematização da educação de adultos durante os anos 1920, professores de alunos adultos começaram a enfrentar problemas com o modelo pedagógico. Apesar da desatenção dos professores quanto a isso, o filósofo Alfred North Whitehead pontuou que ensinar é transmitir o que se sabe apenas quando o tempo de mudança dos padrões culturais, ao qual o indivíduo está submetido, é maior que o tempo de vida individual. Hoje esse “tempo cultural” pode ser consideravelmente menor do que a vida humana. Portanto, devemos preparar os indivíduos para condições novas. Essa situação é exemplificada no quadro abaixo:



(KNOWLES 1988, p:41.)

Note que antes do século vinte os padrões culturais (entradas maciças de novos conhecimentos, inovações tecnológicas, deslocamentos profissionais, mobilidade da população, mudanças nos sistemas políticos e econômicos) se estendiam por gerações, enquanto que no século vinte, o que o indivíduo aprende na infância, se torna rapidamente obsoleto.

Outro problema que os professores de adultos experimentam com o modelo pedagógico é que muitos dos pressupostos sobre as características dos alunos não parecem se encaixar aos alunos adultos, e quando começam a experimentar diferentes atitudes, podem produzir resultados melhores.

Mas a pedagogia e andragogia não precisam seguir caminhos opostos necessariamente. Inicialmente Knowles definia andragogia como a arte e a ciência

de ajudar adultos a aprender, em contraste com a pedagogia como a arte e a ciência de ensinar crianças. Em seguida, começou a receber relatos de professores de escolas primárias e secundárias testando os princípios da andragogia em crianças e jovens e, frequentemente, produzindo ensino de qualidade superior.

Então a andragogia pode ser um modelo a ser utilizado juntamente com o modelo pedagógico, proporcionando dois modelos alternativos a serem usados conforme o “encaixe” em situações específicas. Por exemplo, pensando na dependência em relação ao auto direcionamento, um aluno de seis anos pode facilmente aprender as regras de um jogo através da auto direção, mas ser altamente dependente ao utilizar uma calculadora; e um adulto de quarenta anos pode ser muito dependente ao programar em um computador, mas auto- diretivo ao aprender a consertar um móvel. (KNOWLES, 1988)

Na visão de Knowles, sempre que o modelo pedagógico é o realista, então este é o mais adequado, independentemente da idade. Mas faz a ressalva de que se o educador for demasiado leal e compromissado com o modelo pedagógico, corre o risco de subestimar a capacidade do aprendiz, mantendo-o dependente por muito tempo, quando já poderia seguir a auto direção.

No contexto da Educação Física, cabe ao professor em suas práticas, tomar a decisão de manter o aluno mais ou menos dependente, conforme suas capacidades. As progressões dos exercícios ou orientação de atividades quaisquer sobre o corpo, devem estar conforme o momento pessoal do aluno, sem perder de vista seu interesse com a atividade, nem subestimar ou elevar em demasia a expectativa em torno do seu nível de competência.

4.2. Diferenças entre Pedagogia e Andragogia

Para facilitar o entendimento das questões que permeiam os dois modelos, Knowles (1988), trás quatro aspectos que, mostram a diferença entre os modelos da pedagogia e da andragogia.

- Conceito de aluno

Pedagogia: O aluno é um dependente. É esperado pela sociedade que o professor assuma total responsabilidade pelo que deve ser aprendido, quando e como é pra ser aprendido e se foi aprendido.

Andragogia: É um processo normal de maturação em que uma pessoa sai da dependência para uma crescente auto-direção do conhecimento, mas em diferentes níveis, para diferentes pessoas e diferentes aspectos da vida. Aqui os professores têm a responsabilidade de incentivar e proporcionar essa mudança, embora os alunos possam ser dependentes em situações transitórias, como no exemplo citado anteriormente.

- O papel do aluno

Pedagogia: O que o aluno traz previamente é menos importante, é utilizado, mas muito mais como ponto de partida. O principal meio de aprendizado são as técnicas de transmissão do professor, o escritor de livros, o audiovisual de auxílio, as leituras atribuídas e apresentações.

Andragogia: Conforme as pessoas crescem e se desenvolvem, acumulam experiências que se tornam recursos de aprendizagem para si e para os outros. Além disso, adultos atribuem maior valor ao que aprendem por meio de experiências do que o conhecimento adquirido passivamente. Portanto, aqui as técnicas principais de educação são as experiências em laboratório, simulação de solução de problemas, discussão e experiência de campo (CONAWAY, 2005).

- Aptidão para o aprendizado

Pedagogia: As pessoas estão prontas para aprender o que o meio social (especialmente escola), diz que devem aprender. A maioria das pessoas da mesma idade está pronta para aprender as mesmas coisas. Portanto o ensino deve ser organizado em um currículo padrão, como uma progressão relativamente uniforme para todos os alunos.

Andragogia: As pessoas se tornam prontas quando sentem necessidade de aprender alguma coisa, com a finalidade de lidar mais satisfatoriamente com problemas reais e cotidianos. O educador deve criar situações e fornecer ferramentas para que o aprendiz descubra seu “preciso saber”. Os programas de aprendizado devem ser organizados conforme as aplicações práticas, e sequenciados de acordo com a prontidão do aluno para aprender (HOLTON; SWANSON, 2001).

- **Orientação para a aprendizagem**

Pedagogia: Alunos veem a educação como aquisição de conhecimento em determinado assunto, mas entendem a aplicabilidade desse conhecimento apenas em sua vida futura. Assim, o currículo deve ser organizado em unidades de conhecimento (p.e. matérias), seguindo a lógica do sujeito (da história antiga para moderna, de problemas matemáticos simples para complexos). As pessoas são centradas no sujeito em sua orientação de aprendizado.

Andragogia: Os alunos veem a educação como um processo de desenvolvimento de competências para alcançar seu pleno potencial na vida. Querem ser capazes de aplicar qualquer conhecimento e habilidade que adquiriram hoje para viverem melhor amanhã. De acordo com isso, as experiências de aprendizado devem ser organizadas em métodos de desenvolvimento de competências, já que os adultos são centrados na melhora de sua competência em sua orientação para o aprendizado (NOGUEIRA, 2004).

4.3. Os seis princípios maiores da andragogia.

Dependendo do autor pesquisado, é comum que se ache números diferentes de princípios. Isto acontece porque nas primeiras obras de Knowles, eram apenas quatro princípios, sendo os últimos dois acrescentados em obras posteriores. Atualmente, são seis os princípios centrais da andragogia (CHESBRO e DAVIS, 2002; HOLTON e SWANSON, 2001):

- 1) Adultos precisam entender porque precisam aprender sobre determinado assunto antes de aprendê-lo.

Isso é importante na medida em que o indivíduo racionaliza o que está sendo explicado, e transfere esse conhecimento para aplicações práticas importantes para sua vida. E perguntar ao aluno sobre o significado atribuído por ele ao que foi exposto, faz com que professor e aluno detectem juntos, onde mais falta conhecimento, ou se este está de acordo com os objetivos (CHESBRO, DAVIS, 2002).

- 2) O autoconceito dos adultos é fortemente dependente de um movimento para a auto direção.

Como se espera que adultos sejam indivíduos independentes em muitos aspectos de suas vidas, na educação não pode ser diferente. Adultos devem, conforme sua capacidade, sair da condição de dependentes do professor, para então gerir seu próprio aprendizado. Identificar se o aluno prefere aulas mais técnicas ou mais lúdicas, ou ensiná-lo onde buscar informação quando tiver dúvidas fora do momento da aula, são exemplos da aplicação desse pressuposto.

- 3) As experiências a priori do aprendiz são um recurso rico para o aprendizado.

Além de levar em conta as preferências dos alunos, como citado anteriormente, o facilitador deve levar em conta as experiências de vida que o aluno trás sobre o objeto de ensino, e não só o que já foi estudado ou não. Os adultos precisam que se atribua valor a suas experiências prévias, sob pena de se sentir rejeitado como gente. Isso se agrava quando se trata de indivíduos com pouco estudo, pois o que mais essa pessoa tem do que suas experiências? (COSTA, 2005)

- 4) Adultos geralmente tornam-se prontos para aprender quando vivem experiências que podem relacionar com suas situações de vida ou desempenhar uma tarefa.
- 5) A orientação dos adultos para o aprendizado é centrada na vida, e eles vêm a educação como um processo de elevação dos seus níveis de competência, a fim de atingir seu máximo potencial.
- 6) A motivação para alunos adultos é mais interna do que externa.

A motivação interna (intrínseca) é aquela que leva o indivíduo a procurar alguma atividade por vontade própria (LOPES, 2011). Ora, se o indivíduo procura uma atividade por vontade própria, e tem interesse de melhorar algum aspecto da própria vida, é justo que o professor construa junto com o aluno o plano de ensino, seja qual for o ambiente onde o adulto busca o aprendizado.

4.4. Ciclo Andragógico

Baseado nesses seis pressupostos maiores, a proposta é que o ensino se dê através do chamado Ciclo Andragógico como principal recurso para planificação dos objetivos de ensino. Deve-se dividir o processo em áreas de problemas e não em disciplinas.

Segundo Nogueira (2004), as etapas do ciclo andragógico são as seguintes:

- a) Estabelecer um clima conducente à aprendizagem;
- b) Criar mecanismos para planificação mútua;
- c) Diagnosticar as necessidades de aprendizagem;
- d) Formular objetivos programáticos que satisfaçam as necessidades identificadas;
- e) Elaborar um plano de experiências de aprendizagem;
- f) Conduzir as experiências de aprendizagem com técnicas e materiais adequados;
- g) Avaliar os resultados da aprendizagem e rediagnosticar as necessidades de aprendizagem.

Apesar de as condições do ambiente influenciar no aprendizado, o clima de aprendizagem é um dos momentos mais importantes do modelo andragógico. Se o aprendiz e o facilitador não atingirem um clima positivo, o sucesso do trabalho fica seriamente comprometido. Para que os adultos se sintam confiantes e autodirigidos,

os recursos materiais e humanos existentes na sala devem ser disponibilizados, para que estes façam uso deles sempre que julgarem necessário (NOGUEIRA, 2004).

Cada estudante vai seguir em busca de resposta para seus próprios problemas conforme seu interesse. Sendo assim, o professor deve planejar, junto com o aluno, o que será trabalhado. Dando uma chance dos adultos participarem ativamente de seu aprendizado, suas capacidades e interesses são estimulados (TOUGH, 1967).

No que diz respeito às avaliações, nada faz com que um adulto se sinta mais infantil do que ser avaliado por outro adulto. Então o modelo andragógico propõe uma auto avaliação por parte do aluno. Avaliação essa que segue quatro passos: avaliação das reações emocionais com relação ao programa de aprendizado; avaliação das técnicas, materiais e temática das aulas; comprometimento do aprendiz para obter seus resultados; e por último, avaliação dos resultados obtidos (KIRKPATRICK; KNOWLES apud NOGUEIRA, 2004).

5. Andragogia na área da saúde

Feita análise do histórico e dos pressupostos da andragogia, é preciso pensar em aplicações práticas para o modelo andragógico. Nesse sentido, muitos dos estudos encontrados estão na área da saúde no que diz respeito à educação de pacientes.

A educação de pacientes surge da recente mudança de atitude médica em relação ao paciente. Antes, a preocupação era somente com a saúde do paciente e não com a relação médico-paciente. O modelo mais familiar aos médicos é o pedagógico, mas cada vez mais acredita-se no modelo da andragogia para educação para mudança de hábitos de pacientes. E quando o modelo andragógico é usado, obtém resultados melhores na adesão aos programas de educação em saúde (MCCANN; BLOSSOM, 1990).

Pensando nas possíveis aplicações práticas do modelo andragógico na área da saúde, é que Mccann e Blossom (1990) fizeram um estudo de revisão sobre a educação de pacientes e propunham cinco passos para melhor abordagem com o paciente. Segundo os autores, estudos mostram melhora nos resultados de adesão quando fazem, por exemplo, a união de revista feita para o estudo, com palestra de alerta sobre malefícios do tabagismo. Ainda há maior adesão quando os médicos ouvem os pacientes e suas preferências, fazendo com que essas informações sirvam como base para “negociar o tratamento”.

Adaptar o trabalho a cada paciente ou aluno, é outro aspecto importante. Pensando nisso, Chesbro e Davis propõem uma abordagem diferente do médico em relação ao paciente em relação ao que se faz usualmente. Segundo os autores, quando há diagnóstico de osteopenia, por exemplo, o que se vê no sentido de intervenção educacional, é a entrega de panfletos sobre o tema e orientação sobre o tratamento. Mas, apesar de válida, esse tipo de intervenção pode não ser suficiente. Com o uso do modelo andragógico, o médico poderia diagnosticar a preferência do

paciente por determinada intervenção e considerar possíveis aspectos culturais que levaram o paciente ao quadro.

Esse tipo de abordagem, como foco no aprendiz e suas experiências prévias, tende a melhores resultados quando o sujeito em questão é um adulto. Mas isso só pode acontecer de forma adequada se os profissionais tiverem a visão de que não são os únicos detentores de conhecimento e os alunos incapazes de participar das escolhas dos métodos.

A fim de revelar a visão desses profissionais sobre a importância do tema e de como veem os pacientes no processo de aprendizagem em saúde, Costa (2005) entrevistou os profissionais da saúde envolvidos nas práticas educacionais na cidade de Goiânia. O que aparece frequentemente nas respostas, é uma visão muito mais próxima da promoção da saúde do que educação em saúde. Segundo a autora, a promoção da saúde se dá de forma pontual e visa abranger parcelas maiores da população, e não se preocupa com aspectos individuais dos pacientes.

Discursos que enfatizam conhecimento, passagem de informação, evidenciam a passividade dos pacientes com relação ao tratamento. A autora diz que tais atitudes tendem a reduzir o indivíduo à condição de objeto e cita Paulo Freire para afirmar que: pode-se com isso adotar uma postura de “depositar informação”, referindo-se à visão bancária de educação. Na verdade o processo educativo deveria adquirir um caráter transformador na vida do indivíduo, ele que ele fosse capaz de participar ativa e criticamente na gestão de seu conhecimento.

6. Andragogia na Educação Física

Pensando que a prática de atividades físicas orientadas em ambientes extraescolares também pode ser uma oportunidade de educação, indo além de aspectos físicos, cabe também ao professor de Educação Física adaptar suas práticas para o público adulto. Estar ciente de sua importância para uma educação transformadora de hábitos é somente o primeiro passo.

Pereira (2006) citado por Martins (2008), afirma que a culpa pelas pessoas não inserirem em seu cotidiano a prática de atividade física sistemática, e o abandono das academias após iniciar a atividade, é da falta de consciência dos professores de Educação Física sobre sua importância como disseminadores de hábitos mais saudáveis.

Segundo o autor, para que isso ocorresse bastaria que os professores comentassem em suas aulas que, por exemplo, que um abdômen grande não significa apenas estar fora dos padrões de beleza impostos pela sociedade, mas que isso está associado a diversas doenças.

Estes e outros argumentos, se bem utilizados pelos professores gerariam a consciência de que as academias não são apenas instituições com fins estéticos, mas sim instituições educativas, formadoras e transformadoras de comportamentos.

Indo além da exposição unilateral por parte do professor, Okimura (2005), mostrou o processo de aprendizagem de quarenta e dois idosos sobre os benefícios da atividade física. A proposta mesclava atividade física com aulas teóricas sobre o benefício e o significado das práticas na tentativa de relacionar com problemas cotidianos dos alunos.

Ao final do estudo, foi realizada uma entrevista semiestruturada com cada idoso, e os resultados mostraram que os alunos: relacionaram os conhecimentos sobre os benefícios da atividade física e seus efeitos fisiológicos sobre um corpo inativo ou em processo de envelhecimento; associaram a importância da atividade

física a aspectos afetivos como a autoconfiança e o autoconhecimento de capacidades de limitações; associação do aprendido com atividades cotidianas e conhecimentos prévios; mostraram satisfação com o convívio social durante o processo; e ainda mostraram interesse em divulgar seus conhecimentos.

Em muitos dos trechos mostrados das entrevistas, os participantes mostraram, em seus discursos, que tinham grande participação no processo de aprendizagem, onde eles eram realmente o centro de todo processo. Ainda relataram satisfação em adquirir conhecimentos que poderiam extrapolar o momento da atividade física em si, em oposição a experiências anteriores que focavam exclusivamente no momento da atividade física.

Seguindo essa linha de unir atividade física com ensino sobre seus benefícios, Fecho e Malerbi (2004), verificaram a adesão a um programa de exercícios em diabéticos. Durante o estudo, as aulas eram exclusivamente teóricas. Além dos alunos, alguns familiares também participavam de reuniões sobre o tema. As aulas eram ministradas por uma professora de Educação Física, e posteriormente havia participação dos próprios alunos mostrando suas vivências com atividade física.

O objetivo nesse caso era aumentar o nível de atividade física dos participantes fora das aulas. O que os autores encontraram foi uma alta adesão ao programa, que segundo eles, foi maior que em outros estudos que não continham caráter informativo. Nesse caso, conseguiram mudar o comportamento de nove entre os quatorze participantes, no que diz respeito ao nível de atividade física.

O que se vê nesse caso é que os resultados parecem ser melhores, quando a preocupação é também em informar os alunos sobre os motivos de cada intervenção. Esses resultados estão de acordo com os princípios da andragogia, onde entre outras afirmações, é posto que o indivíduo adulto precisa saber porque apreende cada novo conhecimento, para aí sim dar sentido à prática e decidir a importância desta para aumentar sua competência.

7. Considerações Finais

Pôde-se observar, ao longo desta revisão, que os pressupostos que devem ser assumidos nas práticas de ensino com adultos são diferentes de quando o trabalho é feito com crianças. Os adultos tendem a ser mais independentes em seu processo de aprendizagem. O professor deve ficar atento a isso e, conforme o momento do aluno, fazer com que o aprendiz saia de uma postura de maior dependência, para se tornar gestor de seu conhecimento, e o professor servir como facilitador.

Visto que o adulto tem necessidade de independência no que diz respeito às decisões sobre sua própria vida o professor deve ir além do ensino unilateral, em que o professor é visto como único detentor do conhecimento. Deve também, observar as diferentes expectativas e vivências anteriores do sujeito (aluno), e assim professor e aluno planejarem juntos os conteúdos a serem abordados.

Os estudos que seguiram pelo menos alguns passos do ciclo andragógico para planificação das atividades, mostraram maior adesão à prática de atividade física em relação a estudos anteriores. Sendo assim, na tentativa de adaptar as práticas educativas em Educação Física com público adulto, a andragogia pode ser uma importante metodologia acessória nesse processo, já que trata especificamente de adultos, e de seu modo peculiar de buscar novos conhecimentos.

Notou-se carência de estudos empíricos por parte da Educação Física, no que diz respeito à andragogia e à preocupação com a educação de adultos em ambientes informais.

Este trabalho possibilitou um grande aumento do conhecimento do pesquisador com relação ao tema. Mas faz-se necessário um número maior de pesquisas para o enriquecimento das discussões sobre o assunto. O desafio para todos profissionais da Educação Física é buscar mais conhecimento sobre metodologias de ensino e de trabalho com adultos, para melhor adaptar suas aulas a esse público.

8. Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. As teorias principais da andragogia e heutagogia in LITTO et. al. **Educação à distância: o estado da arte**. São Paulo: Prentice Hall, 2009. p.105-111.

ALTOÉ, Anair. Processo Tecnista. In: ALTOÉ, Anair; GASPARIN, João Luiz; **Trabalho em Sala de Aula**. Maringá: **Eduem**, 2005, p 65-79.

ASSIS, Renata Machado de; MORAIS, Josemeire Gonçalves. **Formação continuada dos docentes de educação física de Jataí**. XXIV Congresso de Educação do Sudoeste Goiano: *infância sociedade e cultura*. 2008.

CHESBRO, Steven, DAVIS, Lori. Applying Knowles' Model of andragogy to individualized osteoporosis education. **Journal of Geriatric Physical Therapy**, Vol.25;2:02. 2002.

CONAWAY, Wendy - Andragogy: **Does One Size Fit All?** A Study to Determine the Applicability of Andragogical Principles to Adult Learners of All Ages. Dissertação (doutorado). Philosophy Walden University. 2005. Disponível em <<http://gradworks.umi.com/3369650.pdf>> acesso em: 08/2011.

COSTA, Kemle Semerente. **Práticas Educativas em Obesidade e Envelhecimento Desenvolvidas por Profissionais de Saúde de Goiânia: Significados e Desafios**. Dissertação (mestrado). Convênio centro-oeste(UnB, UFG, UFMS). Programa Multiinstitucional em Ciências da Saúde. Goiânia, 2005.

DAVENPORT, J.; DAVENPORT, J. A. A chronology and analysis of the andragogy debate. **Adult Educational Quarterly**, 35 (3), 152159. 1985. Disponível em www.revistas.jatai.ufg.br acesso em 05/2011.

DRAGANOV, P.B.; FRIEDLÄNDER, M.R.; SANNA M.C. Andragogia na saúde: estudo bibliométrico. **Esc Anna Nery**. jan-mar; 15 (1) :149-156. 2011. Disponível em: www.scielo.br acesso em 04/2012.

FECHIO, Juliane J. ; MALERBI, Fani E. K. Adesão a Um Programa de Atividade Física. **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.** Vol. 48 nº 2. 2004.

HOLTON, Elwood; SWANSON, Richard. Andragogy in Practice: Clarifying the Andragogical Model of Adult Learning. **Performance Improvement Quarterly**, 14(1) pp. 118-143. 2001.

KNOWLES, Malcolm Shepherd. **The Modern Practice of Adult Education: From Pedagogy to Andragogy**: Cambridge Book Co. 1988.

KNOWLES, Malcolm. **The Adult Learner: A Neglected Species**. American Society for Training and Development. Madison,1973.

KNUTH, Alan G. et. al. - Conhecimento de adultos sobre o papel da atividade física na prevenção e tratamento de diabetes e hipertensão: estudo de base populacional no Sul do Brasil - **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 25(3):513-520, 2009.

LIVINGSTONE, D. W. Adults' informal learning: definitions, findings, gaps and future. **WALL Working Paper** N.21. 2001.

LOPES, Marcos Levi. **Autodeterminação no esporte**: O modelo dialético da motivação intrínseca e extrínseca- Tese (doutorado)- Escola de Educação Física. UFRGS. Porto Alegre, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: **Atlas**, 2010.

MARQUES, Francisca Maria Mendes. Andragogia: Sonho e Realidade. **UNAR**, Araras (SP), v.1, n.1, p.76-78, 2007.

MARTINS, Melissa Cristiane. O papel dos professores de educação física na permanência dos alunos em uma academia da cidade de São Leopoldo. **Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)**. Escola Superior de Educação Física. PUCRS. Porto Alegre, 2008. Disponível em <www.revistaseletronicas.pucrs.br>.

MCCANN D.P., BLOSSOM H.J. The physician as a patient educator - From theory to practice. **West J. Med.** 153:44-49, 1990.

MEDINA, Joao Paulo Subira - **A Educação Física cuida do corpo e "mente"**: bases para a renovação e transformação da educação física. Edição 2.ed.Campinas: Papyrus, 1983, 96p.

MORALES, Pedro – **A relação Professor-aluno**: o que é, como se faz – 1998, Disponível em: <www.books.google.com>acesso em 05/2012.

NOGUEIRA, Sonia Mairos. A andragogia: que contributos para a prática educativa? **Linhas**. Vol. 5, N.2. Florianópolis, 2004.

OKIMURA, Tiemi. **Processo de aprendizagem de idosos sobre os benefícios da atividade física**. 2005, 128f. Dissertação (Mestrado). Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2005.

PERES, Marcos Augusto de Castro. A andragogia no limiar da relação entre velhice, trabalho e educação - **Contrapontos** – v.6. n. 1. p. 65-77 - Itajaí, jan/abr 2006.

RABELO, José Adriano. Pedagogia e Andragogia na Sala de Musculação. **Efdeportes.com-revista digital**. Ano 10. N. 94. 2006. Disponível em www.efdeportes.com acesso em 03/2011.

SMITH, M. K. '**Malcolm Knowles, informal adult education, self-direction and anadragogy**', *the encyclopedia of informal education*. 1999. Disponível em <www.infed.org/thinkers/et-knowl.htm> acesso em 08/2011.

SOUZA, Luccas M.S. et. al. A consulta de enfermagem para idosos baseada na andragogia: um artigo de revisão. **on line Brazil Journal of Nursing**. V.8, n1 (2009). Disponível em:<<http://www.objnursing.uff.br//index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2009.2119/448>> acesso em 03/2012.

TOUGH, Allen M. **Learning Without a Teacher**: A Study of Tasks and Assistance during Adult Self-teaching Projects. Toronto, 1967. Disponível em www.allentough.com acesso em 05/2012.

VOGT, Saleti M.L. Revisão teórica sobre educação de adultos para uma aproximação com a andragogia – **educação Santa Maria**, v. 30 - n.02 - p.195-214 – Santa Maria. 2005.